



III Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica  
III EnICT  
ISSN: 2526-6772  
IFSP – Câmpus Araraquara  
19 e 20 de Setembro de 2018



## ANÁLISE SOCIODISCURSIVA DE PICHações

Gabriela Ferreira Martins – PIBIFSP/IFSP<sup>1</sup>  
Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Beatriz Gameiro Cordeiro IFSP<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Letras, Bolsista PIBICFSP, IFSP Câmpus Sertãozinho, gabrielafmartins18@gmail.com.

<sup>2</sup> Docente de Língua Portuguesa, IFSP – Sertãozinho/SP. E-mail do orientador: mbg@ifsp.edu.br

**Área de conhecimento** (Tabela CNPq): Letras-8.010400-2

**RESUMO:** Este trabalho apresenta resultados de uma Iniciação Científica, cujo objetivo foi investigar a estrutura composicional, o conteúdo temático, o estilo, as produções de sentido e a visão de mundo presente nas pichações. Os procedimentos metodológicos adotados foram: primeiramente, a coleta do *corpus* por meio de registros fotográficos, em cidades do interior do Estado e da capital paulista. Em seguida, analisou-se, com base na teoria sociodiscursiva, os gêneros coletados. Trata-se de uma análise de cunho qualitativo devido ao caráter exploratório, em que se perscruta o gênero “pichações”, focando sua estrutura e ideologias expressas. Dos resultados obtidos, destaca-se a coleta de quatorze pichações e a investigação das características estilísticas e estruturais comuns de seus enunciados, das quais, ressalta-se o fato de serem escritas em locais públicos; o uso de “spray”; predominância da cor preta ou branca, sem imagens. Com relação à linguagem, os textos demonstraram ausência de preocupação com a construção sintática e com a norma padrão e estilos peculiares de letras, os quais indicam as idiosincrasias dos agentes sociais produtores desse gênero. Conclui-se que essas intervenções expressam pensamentos, ideias, anseios e reivindicações, mostrando, muitas vezes, revolta, indignação, questionamento, demonstração de afeto, apelando, assim, para o livre-arbítrio, dentre outros direitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gêneros; Linguagem; Pichamento; Transgressor.

## INTRODUÇÃO

Com base nos pressupostos da teoria sociodiscursiva, sobretudo a partir das ideias de Bakhtin (2016), é possível considerar as pichações em vias de acesso público um gênero discursivo, o qual é interessante por propiciar uma reflexão sobre as (im)possíveis mensagens que podem emergir de tais inscrições de diversos agentes sociais. Portanto, este trabalho apresenta relevância, visto que a pichação não é estudada, frequentemente, como um gênero textual, nem são comuns abordagens sob essa perspectiva, por isso, analisar os usos linguísticos feitos pelos pichadores, bem como suas visões de mundo, as construções linguísticas por eles utilizadas pode ser algo inovador. Essa pesquisa apresenta, por conseguinte, essa análise sociodiscursiva do *corpus* coletado pela pesquisadora.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O GÊNERO PICHações

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Licenciatura em Letras, IFSP – Sertãozinho/SP E-mail do primeiro autor: gabrielafmartins18@gmail.com

<sup>2</sup> Docente de Língua Portuguesa, IFSP – Sertãozinho/SP. E-mail do orientador: mbg@ifsp.edu.br

A pichação, definida como a prática de produzir escritos cifrados nas paredes de prédios e locais públicos das médias e grandes cidades, alastra-se vertiginosamente no contexto urbano brasileiro atual. O sentido psicossocial do fenômeno articula processos de identidade de seus autores (CEARA, DALGALARRONDO, 2008).

Além do aspecto formal, escrito por letras longas, verticais e triangulares, as pichações destacam-se por constituírem um ato principalmente transgressor, efêmero, antagônico, por isso, negam, constantemente, padrões estéticos, ideológicos, legitimados e formais e têm como intenção incomodar (VIEIRA, 2015). A prática de escrever em lugares públicos trata-se, portanto, segundo o mesmo autor, de uma atitude de protesto e crítica, na maioria das vezes, podendo ser um ato coletivo ou individual.

Fernandes (2011) destaca que, embora a intensidade da atividade pichadora tenha diminuído, ela não desapareceu e o uso da *internet* vem permitindo sua visibilidade, assim, mensagens cifradas ainda sobrevivem em quase todas as cidades do Brasil, apesar de terem diminuído.

## **GÊNEROS DO DISCURSO**

De acordo com Bakhtin (2016), os mais variados campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem, que é multiforme. Para o autor, o emprego da língua desenvolve-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, pronunciados pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo temático e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

Segundo o autor, esses três elementos (tema, estilo e construção composicional) estão indissolavelmente ligados ao conjunto do enunciado e são, da mesma forma, determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Nesse sentido, as pichações podem ser consideradas um gênero discursivo, pois possuem tema (dos mais variados, tais como: protesto, expressão do pensamento como forma de contravenção, demonstração de afeto, reivindicações de natureza distinta, dentre outros) estilo (subversivo, não atendimento às normas gramaticais, texto sucinto) e construção composicional específica (linguagem, muitas vezes, sincrética, escrita por *spray* ou tinta, constituída, comumente, de uma frase, pequeno texto ou uma palavra, apenas), assim, inserem-se no campo da atividade humana que poderíamos designar de “transgressor”. No interior desse vasto campo subversivo, a pichação revela uma diversidade enorme de realizações de linguagem que se adequam a várias finalidades, como por exemplo: manifestação política, ideológica, obra de arte, depredação, dentre outras.

Todo gênero encontra-se marcado por uma esfera sociocultural, isso tem que ser levado em conta quando se trata da pichação. Ela, historicamente, é uma manifestação linguística encontrada em uma esfera de protesto, de contravenção, de desordem, de crítica, ironia, expressão de pensamentos, enfim, em universo marginalizado e estigmatizado socialmente.

De acordo com o critério de classificação bakhtiniano, poder-se-iam enquadrar as pichações como gêneros primários, pois são textos curtos, escritos em uma linguagem familiar, refletindo sobre fatos ligados ao cotidiano. Em termos quantitativos, por exemplo, não podem ser equiparados a romances, textos científicos e outros mais elaborados, porquanto, muitas vezes, o pichador faz qualquer rabisco, sem até refletir sobre o que fez, apenas para transgredir uma norma social.

## **METODOLOGIA**

O trabalho iniciou-se com o levantamento bibliográfico sobre as pichações, sobre a noção de gênero do discurso segundo Bakhtin e, ainda, sobre a teoria Sociolinguística. Em seguida, foi feita a coleta do *corpus* em cidades do interior de São Paulo e na capital. Posteriormente, foi investigada a estrutura composicional, o conteúdo temático, o estilo, as produções de sentido e a visão de mundo nas pichações coletadas.

Com base em procedimentos metodológicos de cunho qualitativo, foi realizada uma investigação de caráter exploratório, por meio da qual foram analisadas as ideologias expressas nas 15 pichações, seu valor social, dentre outros aspectos não quantificáveis. Dessa forma, os principais dados qualitativos produzidos pelo trabalho foram as análises e descrições detalhadas das pichações com base nas teorias que embasam a pesquisa, pois seu intuito é divulgar uma compreensão detalhada das pichações.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Devido às limitações de espaço, apresentam-se, nesse trabalho, as análises de apenas sete das quinze imagens que constituem o *corpus*. A análise feita destacou o dialogismo dos discursos presentes nas pichações, bem como o caráter transgressor social e na escrita. A transgressão à convenção ortográfica é claramente verificada na figura 1, em que o pichador escreve “com intenção de afeto” sem respeitar os limites de espaço entre as palavras. Com relação ao efeito de sentido do texto expresso nessa pichação, fica evidente a intenção de fazer uma declaração de carinho e afeto a um interlocutor não especificado, embora existente. A falta de informações contextuais nos impedem de levantar hipóteses sobre o emissor e o receptor, talvez seja uma menina declarando seu amor e afeto por um garoto, pode ser uma mensagem entre homossexuais, enfim, não pode levantar nenhuma hipótese, nesse caso, sobre emissor e receptor.

Já a pichação 2 traz uma mensagem clara e explícita por meio da injunção “Fuma 1”, o emissor recomenda que o receptor fume um “baseado”, isto é, um cigarro de maconha, o que é comprovado pelo desenho do símbolo da erva, assim, mesmo sem o complemento, é possível assegurar, pela imagem, que o conselho é para se fumar maconha. A transgressão, nessa pichação, ocorre duplamente, tanto pela própria pichação em local não autorizado, como também pelo próprio conselho dado, visto que a maconha não é legalizada no Brasil. A respeito do emissor, pode-se conjecturar, a julgar pelo conteúdo da mensagem, que se trate de um jovem aconselhando outros jovens, não que adultos não fumem maconha, mas que talvez seja um hábito mais corriqueiro entre os jovens.

O detalhe que chama a atenção na terceira pichação (figura 3) é o caráter provisório e temporário da mensagem, pois a manifestação política perderá sentido após as eleições, em que um novo presidente assumirá o comando do país. Pelo conteúdo da mensagem, pode-se supor que o emissor seja contrário ao atual presidente da República Michel Temer, pode-se conjecturar que ele acredite em um golpe contra a ex-presidente Dilma Roussef, dentre outros fatores. Outro dado interessante nessa pichação é que ela foi feita em um prédio da igreja católica da cidade, por isso, talvez, o emissor, ironicamente, tenha encerrado sua mensagem com a palavra “Amém”, que significa, “assim seja”.

Nas pichações 1, 2 e 3, não há erros ortográficos e em relação ao tipo de linguagem, pode-se afirmar que ocorre a linguagem sincrética, isto é, a que mescla linguagem verbal (texto) e não verbal (imagens), pois no texto 1, o coração e a “coroa” no pingo do “i” complementam a mensagem textual, no texto 2, a imagem símbolo da erva também complementa o texto e na terceira, a carinha de feliz confere humor à mensagem.



**FIGURA 1. Com intenção de afeto**  
Fonte: Do autor, 2018



**FIGURA 2. Fuma 1**  
Fonte: Do autor, 2018



**FIGURA 3. Fora Temer Amém**  
Fonte: Do autor, 2018

Na pichação representada a seguir pela figura 4, nota-se apenas a escrita de uma palavra, “kejo”, a qual, sem o contexto, dificilmente consegue-se interpretar, pois há inúmeras possibilidades de leitura. Essa pichação ratifica a concepção de texto como uma interação entre pessoas que possuem uma história, sendo algo social, complexo, como um mistério, algo a ser descoberto (KOCH, 2013). Como não dispomos do contexto de produção dessa pichação, nem dos dados do autor, a interpretação da mensagem fica

comprometida. Podemos constatar apenas a subversão gramatical: o uso do “k” no lugar do “que” e a supressão do ditongo “ei”, decorrente da redução do ditongo, algo muito comum na língua falada espontânea, porém, pouco reproduzida em gêneros escritos mais formais.

Já a pichação da figura 5 foi notícia de jornal no início do mês de maio de 2018, pois a partir de uma sinalização de trânsito pintada no chão, o pichador recompôs versos da canção “Pegue no bumbum”, que fez muito sucesso no ano de 1998 por meio da banda “É o Tchan”. O caráter dialógico do enunciado é evidentemente demonstrado nessa pichação, pois o humor advém, justamente, do diálogo entre uma sinalização trivial de trânsito com uma música. Dentre os vários sentidos de que o termo dialógico pode apresentar, aqui cabe o dialogismo constitutivo, defendido por Fiorin (2006), segundo o qual, o sentido de um enunciado só pode ser alcançado em relação com outros enunciados, dessa forma, a relação de diálogo é imanente ao enunciado, é constitutiva dele, tal como se observa nessa pichação, seu sentido só pode ser compreendido em relação à música.



**FIGURA 4. Kejo**  
Fonte: Do autor, 2018.



**FIGURA 5 Agora pare pegue no bumbum**  
Fonte: G1, 2018.



**FIGURA 6. – Netflix + Raciocínio**  
Fonte: Do autor, 2018.



**FIGURA 7. As ricas abortam as pobres morrem**  
Fonte: Do autor, 2018.

A pichação expressa pela 6 questiona a alienação das pessoas pelas mídias, no caso, especificamente, da “NETFLIX”, uma provedora global de filmes e séries de televisão via *streaming*, argumentando que as pessoas raciocinariam mais se assistissem a menos programas televisivos. Além da mensagem questionadora, a composição gráfica do texto dessa pichação chama atenção, pois o autor usou sinais gráficos (+ e -) para compor o texto, além de símbolos. Os interlocutores dessa pichação talvez sejam jovens e adultos que passam horas assistindo a programações do serviço. No lugar da letra “a”, na palavra

“raciocínio”, o autor opta por usar o símbolo da Anarquia, movimento que defende a total liberdade política e governamental, sem intervenção do Estado.

Já a figura 7 evidencia que a pichação expressa um questionamento de ordem social sobre a legalização do aborto e sua relação com a desigualdade social. Devido à brevidade do discurso presente nessa pichação, não se pode precisar o sentido do enunciado, todavia, as seguintes leituras podem ser feitas: Enquanto as mães pobres arriscam suas vidas praticando aborto em clínicas ilegais, as ricas são melhores assistidas por seus obstetras. Outra possibilidade de interpretação é que as mulheres que pertencem às classes sociais mais abastadas podem praticar o aborto respaldadas, mesmo que ilegalmente, em clínicas ou por obstetras particulares, já as mães pobres, por não terem condição de pagarem um aborto, acabam dando à luz a crianças, as quais, por sua vez, morrem por motivos vários: fome, criminalidade, falta de acesso a um bom sistema de saúde, dentre outros. A oposição entre o gênero “as ricas” e “os pobres” nos leva a crer que esta última leitura possa ser a mais plausível, já que se o emissor se referisse às mães que morrem ao praticarem o aborto, deveria ter usado “as pobres”. Chama atenção, nessa pichação, o fato de o autor usar a concordância verbal de acordo com a norma padrão, uma rega que não é frequentemente utilizada por pessoas que não possuem alto grau de escolaridade. Por outro lado, o emissor não usa nenhum sinal de pontuação em seu texto, nem vírgula, nem ponto final. O tom de crítica e de manifestação política no enunciado dessa pichação (figura 7) permite-nos supor que o receptor desse texto sejam os políticos, responsáveis pela legalização e também a população, para que conscientize das desigualdades sociais e dos problemas que ela acarreta. O esforço para tentar se identificar o interlocutor (aqui usado também como sinônimo de “receptor”) nas pichações, apesar de algumas, por não propiciarem detalhes de contextualização de produção, não revelarem com precisão o interlocutor, deve-se ao fato de que, segundo Bakhtin, não há texto sem interlocutor, isto é, não pode haver interlocutor abstrato:

A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.). Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a pretensão de pensar e de exprimir-nos *urbi et orbi*, na realidade é claro que vemos “a cidade e o mundo” através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos, é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito (BAKHTIN, 2004, p. 112).

Essa breve análise demonstrou a riqueza dos discursos presentes nas pichações, bem como a variedade de temas nelas presentes e, embora haja essa diversidade, o estilo e a estrutura composicional permitem que sejam agrupados no gênero “pichações”.

## CONCLUSÕES

Os resultados obtidos demonstram uma forma subversiva de comunicação com a sociedade nas pichações. Nessa conjuntura, são utilizados suportes não convencionais em que há economia do tempo refletida na escrita breve e curta, o que, possivelmente, influencia também a formação composicional desse gênero. Observa-se que existe a preocupação em transmitir uma mensagem sucinta, rápida, com tom reivindicatório, informativo, reflexivo, questionador, transgressor, jocoso ou outros enfim, há uma total liberdade temática para o pichador discorrer nesse gênero. Ressalta-se, também, a despreocupação com a norma culta, a presença da intertextualidade, o uso da língua inglesa junto com a portuguesa, frases de efeito, criação de novos sentidos, dentre outras peculiaridades. Na pichação “kejo”, por exemplo, a substituição das letras “QU” por “K”, ou seja, a redução da quantidade de letras demonstra algumas das recorrências supracitadas: mensagem curta, rápida e avessa à norma culta, traços que compõem este estilo simbólico de escrita, que, por sua vez, denota a inscrição os sujeitos no espaço público urbano.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao PIBIFSP por financiar essa pesquisa e permitir que ela fosse viabilizada. Agradeço a minha orientadora Dr<sup>a</sup> Prof<sup>a</sup> Maria Beatriz, por caminhar comigo e por tudo que me ensina. Agradeço ao Allan por toda ajuda, paciência, cuidado e amor.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec. São Paulo. 2004.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Editora 34. 1. ed. São Paulo. 2016.

\_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CEARÁ, Alex de Toledo & DALGALARRONDO, Paulo. Jovens pichadores: perfil psicossocial, identidade e motivação. **Revista de Psicologia da USP**. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v19n3/v19n3a02.pdf> Acesso em 05 de abr. de 2018.

FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Pichações: discursos de resistência conforme Foucault. **Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá**. v. 33, n. 2, p. 246, 2011. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/viewFile/13864/13864> Acesso em 04 de abr. de 2018.

FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3<sup>a</sup>ed. São Paulo: Contexto, 2013.

VAZ, Clara Araújo. **Gênero do discurso como prática social: as vozes dos leitores na construção do “box de correção”**. 2007. 94 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/VazCA.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2018.

VIEIRA, B. C. **Graffiti e pixação: processos de apropriação e resistência**. Universidade de Brasília. Brasília. 2015. Disponível em [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11593/1/2015\\_BarbaraCostaVieira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11593/1/2015_BarbaraCostaVieira.pdf) Acesso em 04 de abr. de 2018.